



Country	Tariffs Charged to the U.S.A. Including Currency Manipulation and Trade Barriers	U.S.A. Discount Reciprocal Tariffs
China	67%	3%
European Union	39%	20%
Vietnam	90%	46%
Taiwan	64%	32%
Japan	46%	24%
India	52%	26%
South Korea	50%	25%
Thailand	72%	36%
Switzerland	61%	31%
Indonesia	64%	32%
Malaysia	47%	24%
Cambodia	97%	49%
United Kingdom	10%	10%
South Africa	60%	30%

Carta Aware

ABRIL 2025

Leia mais em nosso site: www.awaregestao.com

Estados Unidos

Abril começou com a atenção do mundo voltada para os Estados Unidos com a celebração, pelo menos por parte do Trump, do grande evento do "Liberation Day". Com a data especificamente pensada para evitar piadas de 1º de abril, o segundo dia do mês marcou o começo da aplicação das tarifas recíprocas. A medida foi apresentada como uma forma de "libertar" a economia americana das distorções provocadas por práticas comerciais injustas de seus parceiros, mas, na prática, aumentou a incerteza nos mercados globais e aprofundou o clima de tensão em torno da nova política externa comercial dos EUA. O pacote de tarifas impôs uma tarifa base de 10% sobre a maioria das importações, com tarifas adicionais variando de 11% a 50% para 57 países, incluindo China, União Europeia, Canadá e México.

Mas não ficou de graça e as respostas internacionais não demoraram a chegar. A China retaliou com tarifas de até 125% sobre produtos americanos, enquanto a União Europeia iniciou ações legais para suspender suas tarifas retaliatórias, buscando facilitar negociações com os EUA. Diante da pressão, em 9 de abril, o governo dos EUA suspendeu por 90 dias as tarifas adicionais para todos os países, exceto a China.

A escalada tarifária entre as duas maiores potências globais tornou-se o principal vetor de tensão nos mercados ao longo do mês. O embate com a China virou um verdadeiro jogo de pingue-pongue. Após a retaliação de Pequim com tarifas de até 125%, os EUA elevaram a aposta. A Casa Branca confirmou que, para produtos específicos como seringas e veículos elétricos, as tarifas podem atingir até 245%, resultado da combinação de 145% recém-impostos somados aos 100% já em vigor. Mas diante da pressão de grandes varejistas americanos, preocupados com o aumento dos preços e a escassez de produtos, o presidente Trump sinalizou uma possível redução das tarifas. Em 22 de abril, ele afirmou que as tarifas sobre as importações chinesas "seriam substancialmente reduzidas, mas não eliminadas".

A inflação medida pelo índice de preços ao consumidor (CPI) subiu 0,3% em abril, menos que o esperado. Já o índice de preços de gastos com consumo pessoal (PCE), preferido pelo Fed, aumentaram 3,6% no primeiro trimestre de 2025, o maior aumento em dois anos. O mercado de trabalho mostrou resiliência, com a criação de 177 mil empregos e a taxa de desemprego mantendo-se em 4,2%, mesma do mês de março.

Em meio a tanta interferência nos mercados globais, talvez o recado dos manifestantes do movimento "Hands Off", que tomaram as ruas pedindo menos intervenção do Estado e mais liberdade econômica, tenha sido mais direto do que parece. O problema é que o presidente estava ocupado demais assinando mais uma rodada de tarifas para ouvir o recado dos norte-americanos.

Europa

Abril intensificou os dilemas europeus, com o bloco tentando equilibrar as pressões externas vindas da política comercial americana e os desafios internos relacionados à inflação e ao crescimento. A ameaça de tarifas dos Estados Unidos pairou sobre as principais economias da região, provocando apreensão nos setores exportadores e movimentações diplomáticas em Bruxelas. Ao mesmo tempo, os dados econômicos trouxeram sinais mistos. A inflação na zona do euro permaneceu estável em abril, em 2,2%, mas ainda acima da meta adotada pelo BCE o que levou a instituição a reduzir a taxa de juros em 0,25 pp, para 2,25% ao ano.

Nesse cenário, a Europa caminhou com cautela, em busca de estabilidade em um ambiente global cada vez mais imprevisível.

Alemanha

Em 9 de abril, a União Democrata Cristã (CDU) e o Partido Social-Democrata (SPD) finalmente chegaram a um acordo de coalizão, abrindo caminho para Friedrich Merz assumir oficialmente o comando do governo federal. A união entre os dois partidos encerrou o impasse que se arrastava desde as eleições e estabeleceu uma nova base de governabilidade, com foco em reformas estruturais e modernização do Estado. O discurso inicial de Merz ressaltou a necessidade de fortalecer a competitividade alemã diante de um cenário global cada vez mais adverso, sobretudo frente ao aumento do protecionismo internacional.

Apesar do progresso político, o mês também foi marcado por episódios de violência que abalaram a opinião pública. O assassinato de uma família em Weitefeld, no dia 6, e um tiroteio fatal em Bad Nauheim, em 19 de abril, trouxeram à tona debates sobre segurança interna e controle de armas. A sucessão de casos também contribuiu para o crescimento da extrema-direita, com a AfD (Alternativa para a Alemanha) aparecendo pela primeira vez à frente nas pesquisas nacionais de intenção de voto, um sinal de alerta para o novo governo.

No plano econômico, os olhares permaneceram atentos à política fiscal e às propostas de Merz sobre o financiamento das Forças Armadas. Com o país ainda limitado por regras rígidas de endividamento, as discussões sobre a criação de fundos especiais fora do orçamento para viabilizar investimentos em defesa seguiram no radar, agora com maior apoio parlamentar.

Europa

Alemanha (Cont.)

Também, a confiança empresarial na Alemanha apresentou uma leve melhora, apesar das incertezas econômicas globais. O índice de clima de negócios do Instituto Ifo subiu para 86,9 pontos, ante 86,7 em março, superando as expectativas de analistas que previam uma queda. Esse aumento foi impulsionado por avaliações mais positivas sobre a situação atual das empresas, embora as expectativas futuras tenham recuado ligeiramente para 87,4 pontos, refletindo preocupações contínuas com as tensões comerciais, especialmente as tarifas impostas pelos Estados Unidos sobre produtos europeus, como aço, alumínio e automóveis.

Espanha

No dia 28, um blecaute afetou grande parte da Península Ibérica, deixando a Espanha e Portugal sem energia elétrica por várias horas. O incidente interrompeu serviços essenciais, como transporte ferroviário e telecomunicações, e causou prejuízos estimados em €1,6 bilhão. Embora a causa exata ainda esteja sob investigação, o evento reacendeu debates sobre a estabilidade da rede elétrica espanhola, que depende significativamente de fontes renováveis. O acontecimento evidenciou a necessidade de uma matriz energética mais diversificada, enquanto o governo defendeu a continuidade da transição para fontes limpas, destacando que o apagão não foi causado por falhas nas energias renováveis.

Paralelamente, o governo de Pedro Sánchez sofreu investigações envolvendo sua esposa, Begoña Gómez, e seu irmão, David Sánchez, por supostos casos de corrupção. O primeiro-ministro acredita que fazem parte de uma campanha de "lawfare" promovida por grupos de oposição. Sánchez acusou setores do judiciário de agirem com motivação política, levantando preocupações sobre a independência judicial no país.

Apesar desses desafios, a economia espanhola mostrou sinais de resiliência. O PIB cresceu 0,6% no primeiro trimestre de 2025, superando a média da zona do euro. A inflação recuou para 2,2% em abril contra os 2,3% registrados em março, indicando uma tendência de estabilização dos preços.

Europa

Reino Unido

O governo de Keir Starmer anunciou medidas mais rígidas para conter a imigração legal como aumento do prazo para solicitar residência permanente e restrições ao ingresso de trabalhadores estrangeiros em setores essenciais como saúde e hospitalidade. A guinada busca conter o avanço da extrema-direita, após o expressivo desempenho do Reform UK nas eleições locais, superando os conservadores e ampliando a pressão sobre o Partido Trabalhista.

O PMI de serviços caiu para 49, indicando contração no setor que representa uma fatia significativa da economia britânica. Além disso, o governo convocou o Parlamento para discutir uma possível intervenção pública para salvar os últimos altos-fornos da British Steel em Scunthorpe, uma medida que reacende o debate sobre o papel do Estado na proteção da indústria pesada. O risco de fechamento ameaça milhares de empregos e levanta preocupações sobre a perda de capacidade estratégica de produção de aço no país.

O Reino Unido voltou ao centro das discussões sobre defesa, com questionamentos sobre sua capacidade de dissuasão nuclear diante da crescente pressão geopolítica. Com submarinos da classe Vanguard e mísseis Trident ainda no centro da doutrina estratégica, aumentam os apelos por modernização do arsenal.

Ásia

China

Sereno como um Panda. Lúdico como um dragão. Eis o enigma: como puxar a demanda e remar na contramão? A China cresce e, no ar de seu esplendor, dá um sossega leão ao Tio Sam. Ao menos por agora, ainda se mata um leão (ou águia careca na licença poética) por dia.

O PIB chinês atingiu 5,4% no primeiro trimestre, informou o NBS. O período observado precede o tarifaço "Trumpês" e superou a expectativa de 5,1% prevista. Contudo, em abril o PMI industrial e o de serviços tiveram retrações acima do esperado, já mostrando o "Efeito Donald" ao colocar as mangas de fora.

Consolidando a confiança dos chineses, a esmagadora maioria das A-share registrou desempenho sólido, em que 66,42% delas reportaram lucro. O movimento felizardo mostra-se como uma consequência do sucesso do empenho do Politburo em impulsionar os setores automotivo e eletrônico na guinada integradora dos setores tradicionais aos emergentes da economia.



Ásia

China (Cont.)

Mas em briga de cachorro grande, é hora de deixar os caninos à mostra.

O PBoC garantiu uma injeção de 600 bilhões de yuans em liquidez no sistema financeiro por meio de sua linha de crédito de médio prazo (MLF). Como 100 bilhões de yuans em empréstimos MLF vencem neste mês, o BC injetará 500 bilhões de yuans líquidos por meio do instrumento de um ano nos mercados.

Na odisseia oriental de tornar seu cidadão um pouco menos polido financeiramente, a cúpula do governo chinês conta com o consumo nacional para driblar o tarifaço e manter sua postura indubitável. Contudo, a missão é tão dura de matar quanto o Bruce Willis e tão ingrata quanto a dos vizinhos nipônicos. Sequência de Missão Impossível ou em busca do consumo encantado?

Japão

Apreensão total com a bomba tarifária e a rota dos juros nipônicos. Hora de ser resiliente com a estratégia ou mudar o curso da rota?

O PM, Shigeru Ishiba, já demonstrou publicamente estar ressabiado com a desordem mundial, ou "Nova Ordem", sugerindo uma coligação asiática para enfrentar o Tio Sam.

Já não estava descartado um freio no aumento dos juros e aqui se faz, aqui se paga. O BoJ manteve inalterada a taxa de juros em 0,5% e já enxerga o cenário muito próximo do mais pessimista, depois da rebordose global imposta pelo presidente estadunidense em sua tática "dá ou desce". Ueda, presidente do BC, disse que o prazo para a convergência da inflação subjacente à meta de 2% foi "um pouco adiado".

A ordem no momento é de aguardar e esperar os próximos passos de Washington, inclusive no referente ao câmbio. Enquanto Trump quer vantagens, a equação não é favorável aos japoneses e fortalecer o iene pode ser um suicídio assistido.

Nessa dualidade dialógica, ainda houve a Califórnia fazendo uma gracinha e superando em tamanho a economia japonesa. Grande dia na jornada de tornar a América grande novamente.



Ásia

Índia

Em meio a indisposições tarifárias, a cúpula de Nova Délhi ainda enfrenta a escalada nas tensões com os vizinhos paquistaneses. Na perspectiva positivista, as monções vêm para salvar o dia.

Na política monetária, o Reserve Bank of India (RBI) vem afrouxando sua postura e são esperados mais cortes nos próximos meses, respaldados por uma inflação em queda. A taxa de inflação no varejo indiano desacelerou para 3,34% em março, uma redução em relação aos 3,61% registrados em fevereiro. Quem olha com atenção para além da Caxemira é o senhor presidente Yankee, que busca espremer os hindus e aproveitar a bonança dos parceiros orientais.

Falando em bonança, a Índia deverá ter chuvas de monções acima da média pelo segundo ano consecutivo em 2025, informou o governo, aumentando as expectativas de maior crescimento agrícola e econômico na terceira maior economia da Ásia. A monção, que normalmente chega ao extremo sul do Estado de Kerala por volta de 1º de junho e termina em meados de setembro, deve atingir 105% da média de longo prazo este ano, disse M. Ravichandran, secretário do Ministério de Ciências da Terra.

Contudo, a milenar indisposição entre os vizinhos imediatos de terceiro grau tomou forma, cor e cheiro nas últimas semanas e todas as importações diretas e indiretas de produtos procedentes do Paquistão foram bloqueadas. Há a apreensão por escalada nuclear tendo em vista o potencial bélico das duas nações, mas até o momento sofrem somente os produtores paquistaneses e as vítimas dos atentados.

América Latina

Argentina

Um sonho de liberdade cambial.

Toto Caputo anunciou o fim das restrições a compra de dólar, previamente limitada a US\$ 200 mensais para indivíduos argentinos. Caputo afirmou que será implementado no país um regime de câmbio flutuante, sem interferências, enquanto a taxa de câmbio estiver dentro da faixa de US\$ 1.000 a US\$ 1.400. Tanto o teto quanto o piso da faixa de câmbio flutuante serão ampliados em 1% mês a mês, a fim promover a liberação do mercado gradualmente. Também foram removidas todas as restrições de acesso à moeda estrangeira para pagamentos de lucros e dividendos relatados nas demonstrações financeiras. Para dividendos herdados e pagamentos de dívidas intercompanhias (antes de 1º de janeiro de 2025), um título denominado em dólares emitido pelo BC argentino poderá ser subscrito em pesos.

Brasil

No Brasil, a taxa Selic manteve-se em 14,25% ao ano, patamar definido na reunião do Copom em março, quando foi elevada em 1 ponto percentual, o maior nível desde 2016. Foi indicado que novas elevações da Selic podem ocorrer, mas em menor magnitude, já na reunião de maio, sem antecipar movimentos futuros. O mercado precifica de uma a duas novas elevações, com o ciclo de alta da Selic se encerrando próximo a 15%.

Os diretores do Bacen mantiveram o tom mais cauteloso e vigilante, como apresentado desde o início do ano. Em declaração ao final do mês, Galípolo afirmou que o patamar da Selic continuará restritivo “o suficiente e pelo período que for necessário” para garantir a convergência da inflação à meta.

A inflação oficial, medida pelo IPCA, registrou alta de 0,56% em março de 2025, mostrando desaceleração em relação à forte elevação de 1,31% observada em fevereiro. No acumulado de 12 meses, o IPCA alcançou 5,48%, superando os 5,06% registrados até fevereiro e permanecendo acima do teto da meta estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), que é de 4,5% para o ano. No acumulado de 2025 até março, a inflação já soma 2,04%.

O principal fator de pressão em março foi o grupo Alimentação e Bebidas, que subiu 1,17% e respondeu pelo maior impacto no índice geral (0,25 ponto percentual). O índice de difusão, que mede o percentual de itens com aumento de preços, ficou elevado, em 61%, indicando que a alta de preços segue disseminada pela economia.

O IPCA veio em linha com as expectativas do mercado financeiro, que previa inflação entre 0,50% e 0,56% no mês. Analistas consultados pelo Boletim Focus reduziram levemente a previsão de inflação para 2025, agora em 5,55%, mas seguindo acima do teto da meta.

No campo fiscal, o governo central registrou um superávit primário de R\$ 3,6 bilhão em março, ante superávit de R\$ 1,2 bilhão no mesmo mês de 2024. Em doze meses, o resultado fiscal apresentou melhora, no qual o setor público consolidado acumulou déficit de R\$13,5 bilhões, 0,11% do PIB, contra 0,13% do PIB até fevereiro. O valor ainda se encontra acima da meta de déficit zero para o ano de 2025, mas dentro do intervalo de tolerância de 0,25%. A dívida bruta do governo geral atingiu 75,9% do PIB em março, redução de 0,2 p.p. em comparação ao mês anterior.

Em evento com investidores, o Ministro da Fazenda, Fernando Haddad, afirmou que o PIB do Brasil deve crescer 2,5% em 2025, acima da projeção oficial anterior, e garantiu que o governo tem medidas para assegurar o cumprimento da meta fiscal de déficit zero. Haddad enfatizou que o planejamento fiscal está funcionando até o momento.

Juros & Câmbio

O mês de abril foi marcado por forte volatilidade nos mercados de juros e câmbio, reflexo tanto de fatores domésticos quanto das incertezas globais.

O mercado iniciou o mês assimilando os desdobramentos do "Liberation Day. Esse movimento elevou a aversão ao risco, levando investidores a projetarem uma inflação mais persistente e menor crescimento econômico no curto prazo nos Estados Unidos. Assim, a curva de juros americana apresentou fechamento nos vencimentos mais curtos e abertura nos vencimentos mais longos, com investidores exigindo taxas mais altas diante do aumento do risco. O Treasury de 10 anos registrou forte alta, passando de 4,17% para 4,33% ao final do mês, uma variação de 3,94%.

O avanço das taxas americanas também foi impulsionado pela saída de recursos dos títulos soberanos dos Estados Unidos, que migraram para outras economias, entre elas o Brasil. Em meio ao ambiente de incerteza, a busca por mercados emergentes e o maior apetite por títulos brasileiros contribuíram para a queda dos juros futuros ao longo de toda a curva. No vértice de 10 anos, a taxa recuou de 15,03% para 14,10% ao final do mês. Esse movimento também foi determinante para a valorização da bolsa.

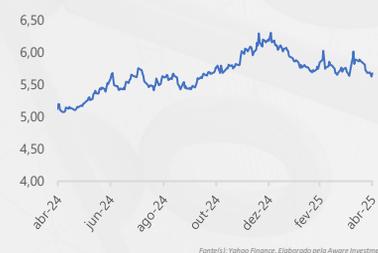
No câmbio, o real demonstrou resiliência. O dólar oscilou entre R\$ 6,013 e R\$ 5,620, encerrando abril em queda de 0,45%, a R\$ 5,672, o primeiro fechamento mensal abaixo de R\$ 5,70 desde setembro do ano anterior. No ano, a moeda americana já acumula baixa de mais de 8% frente ao real.

O desempenho do real foi favorecido pela combinação de juros elevados no Brasil, que mantém o diferencial atrativo para investidores estrangeiros, e pela fraqueza do dólar no exterior, refletida também no recuo do índice DXY, que apresentou queda de 4,55% no mês. A volatilidade, porém, permaneceu elevada devido à incerteza sobre a política comercial dos EUA, às ameaças de novas tarifas e às tensões políticas envolvendo o Federal Reserve. Com o aumento do risco, o ouro fechou o mês novamente em alta, registrando valorização de 5,83%.

Moedas

Dólar	5,67	-0,45%
Euro	6,43	4,16%
Libra	7,56	2,63%
Yuan	0,79	-0,74%
Iene	3,96	4,25%
Lira Turca	0,14	-1,93%

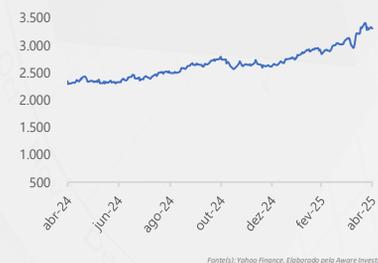
Evolução Dólar



Evolução DXY



Evolução Ouro



Bolsas

Resiliência em meio à tempestade externa.

Abril mostrou a força relativa da bolsa brasileira em um cenário global carregado. Em meio à escalada das tensões comerciais entre Estados Unidos e China, com impacto sobre as economias mais abertas, o Brasil se beneficiou, ainda que indiretamente, de sua menor exposição ao comércio internacional. Essa limitação estrutural funcionou, no curto prazo, como um "colchão" contra choques externos.

Com isso, ativos mais voltados ao mercado doméstico, especialmente small caps, tiveram um desempenho mais favorável no mês. Companhias de menor capitalização, menos integradas a cadeias globais e mais sensíveis à dinâmica interna, atraíram o investidor que buscava proteção relativa frente à instabilidade externa.

Ainda assim, o cenário interno apresenta desafios. A Selic elevada e a ausência de estímulos fiscais apertam as condições financeiras, o que pode levar a uma desaceleração mais acentuada da atividade no segundo semestre. Já há sinais de enfraquecimento da demanda em setores mais cíclicos, alimentando a especulação sobre um possível início antecipado de flexibilização monetária.

A inflação corrente, apesar de persistente em alguns núcleos, tende a ceder no acumulado dos próximos meses, influenciada pela queda nas commodities industriais e pela valorização do real. Esse movimento reforça a leitura de que o topo dos juros pode já ter sido atingido, e que o Bacen pode se posicionar com maior flexibilidade nas reuniões futuras, ainda que sem pressa. Do ponto de vista político, a proximidade do ano eleitoral limita a disposição do governo para ajustes estruturais. O orçamento para 2026 foi encaminhado com metas ambiciosas, mas construído com receitas otimizadas e despesas subestimadas, o que naturalmente traz questionamentos sobre sua viabilidade.

No geral, o mercado acionário brasileiro conseguiu se descolar do pessimismo global em abril, com apoio técnico e algum fluxo estrangeiro oportunista. A valorização de ações ligadas ao consumo interno e a recuperação de segmentos penalizados em 2024 indicam espaço para rotação e seleção ativa, mas o ambiente ainda exige atenção redobrada à consistência dos fundamentos.

Índices

Ibovespa	135.067	3,69%
S&P 500	5.569	-0,76%
Nasdaq	17.446	0,85%
Euro Stoxx 50	5.160	-1,68%
Shanghai	3.279	-1,70%

Ibovespa



S&P 500



Índice EWZ



Perspectivas

O mercado encerrou abril em meio a um equilíbrio delicado entre riscos e oportunidades, e entra em maio com expectativas mais calibradas diante dos sinais mistos da economia global.

Nos Estados Unidos, os mercados passaram por um processo de reprecificação importante. Dados mais persistentes de inflação ao longo de abril, somados à resiliência do mercado de trabalho, levaram os investidores a postergar as apostas de cortes de juros pelo Federal Reserve, que, em sua última reunião, manteve a taxa básica inalterada, mas reforçou que precisa de “maior confiança” no arrefecimento inflacionário antes de qualquer afrouxamento. Para maio, a expectativa gira em torno da divulgação de novos dados de inflação e da ata do Fed, que devem ajudar a esclarecer o caminho da política monetária no segundo semestre.

Na Europa, o BCE reforçou que deve iniciar os cortes de juros já em junho, diante da inflação em queda e da fraqueza da atividade. A confiança empresarial continua frágil, especialmente na indústria alemã, o que fortalece o argumento por um afrouxamento gradual. Maio será um mês importante para o mercado europeu, com foco nos dados de crescimento do primeiro trimestre e na sinalização do BCE quanto ao ritmo dos próximos movimentos.

A China continua enfrentando dificuldades para reanimar o consumo e estabilizar o setor imobiliário. Em abril, o governo anunciou um novo pacote de estímulos direcionado à indústria e às startups de tecnologia, o que animou parcialmente os mercados locais. No entanto, a confiança empresarial segue contida. Em maio, os olhos se voltam para o impacto desses estímulos e possíveis novos anúncios em meio ao esforço chinês para evitar uma desaceleração mais profunda.

No Japão, o desempenho econômico continua surpreendendo positivamente. A bolsa local renovou máximas históricas novamente em abril, impulsionada pelo fluxo estrangeiro e pela retomada da demanda interna. Para maio, o foco estará sobre os próximos sinais do BoJ, especialmente diante da pressão inflacionária e da volatilidade cambial gerada pelo ambiente externo.

No Brasil, abril foi marcado por um aumento na percepção de risco fiscal. A piora nas expectativas em torno da meta de resultado primário, combinada com a deterioração da confiança do investidor, gerou pressão sobre o câmbio e os juros futuros. Em maio, a atenção se volta para as próximas sinalizações da equipe econômica sobre o ajuste fiscal e para os dados de arrecadação, que podem influenciar tanto o humor dos mercados quanto os rumos da política monetária.



Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que despendemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your
investments

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

Brasil • Portugal • Suíça

contato@awaregestao.com
www.awaregestao.com